

# Os instrumentalizados de Pretória

por Manuel Tomé, na Beira

Todos se teriam rido e a bom rir, se o ar a um tempo cortante e cativante de Aurélio Honuana, soldado das Forças Armadas de Moçambique, não tivesse permanecido estampado no seu rosto, se os seus gestos não continuassem firmes — firmeza própria de homens que falam com convicção.

Ele acabava de apresentar com certo humor uma das características dos bandidos armados, perante jornalistas e colegas seus. Assim o fez: **eles não têm nenhuma capacidade combativa porque são teleguiados pelo regime de Pretória, são carros sem motor de arranque. Têm de ser empurrados para poder andar.**

Aurélio Honuana participou na operação em que as Forças Armadas de Moçambique destruíram no passado dia 16 uma base dos bandidos armados, em Chitequeteque, a nove quilómetros de Savane, na província de Sofala.

Apesar do legítimo orgulho que uma vitória provoca, nenhum de entre os soldados presentes ostentava (pequeno que fosse) o ar de triunfalismo. Pelo contrário, manifestaram que estão conscientes de que é preciso que cada soldado se sinta cada vez

mais no seio do Povo como o peixe na água; que é preciso dar mais passos — muitos mesmo — para criar e consolidar a paz na nossa Pátria socialista.

É neste contexto que fala outro jovem de 17 anos de idade, Américo Vasco, que pela primeira vez participou numa batalha militar e que há menos de um ano se encontra no exército: **doia-me estar em Nhamatanda (localidade situada a cerca de 100 quilómetros da cidade da Beira) depois de ter acabado a instrução militar sem combater os bandidos armados.**

— Porquê?

— **Porque eu jurei liquidar o inimigo. Tanto assim que estou pronto para os próximos combates.**

Caracterizar os bandidos armados pode e deve merecer uma reflexão teórica. Não é, todavia, assim tanto uma tarefa teórica. Que se pergunte à população quem são eles. A resposta virá tão forte como o ódio que ela tem contra esses bandidos armados e assassinos.

Que dizer de homens instrumentalizados pela droga e pelo

álcool que cortam orelhas, nariz e lábios de gente trabalhadora que quer construir honesta e pacificamente o seu futuro?

Que dizer desses sequazes do regime do «apartheid» que mutilam mulheres cortando-lhes os seios e dilacerando-lhes os órgãos sexuais? Que dizer dessa «coragem» de violar menores de sete a dez anos, de chupar sangue de corpos golpeados?

Muito embora possa pesar a quem quer que seja que pretenda encontrar nestas palavras «frases feitas», ninguém sensato terá problemas em repetir tantas vezes quantas forem necessárias: **que o Povo tem ódio a esses instrumentalizados de Pretória, cujos crimes atingem os fóruns da demência.**

Sem pretender entrar em paralelismos gratuitos pergunta-se: acaso não é há 1982 anos que os crentes cristãos têm e ouvem os textos bíblicos que permanecem intactos?

Mas a boca dos bandidos armados fala de si, dos seus crimes. Armando Chigárisso, detido pelas milícias populares no controlo próximo da ponte sobre o rio Púnguê, há cerca de três semanas, quando realizava uma missão de reconhecimento, expõe

a jornalista: **a vida deles (dos bandidos) é roubar os bens da população, assaltar lojas, espancar, mutilar e assassinar todos os que se recusem a colaborar com eles.**

... Nos assaltos às povoações, também raptam meninas para satisfazer os chefes...

A (coragem) vem da bebida e da suruma. Não se sai para nenhuma operação sem se beber cabanga ou nipa (aguardente) e fumar suruma. Nestas condições tudo é possível fazer-se.

— **Porque não cortam o cabelo?**

— **Porque os chefes dizem que vivemos no mato e que por tal não podemos cortar cabelo nem lavarmo-nos. Se se desobedece a qualquer ordem, os infractores são espancados por vezes até morrer. Eu vi desde a minha chegada à base, em Dezembro do ano passado, cinco pessoas a serem mortas por isso.**

Zacarias Majuta Mica é outro bandido capturado em Matambissa, também incumbido de uma missão de reconhecimento. Detido embriagado, é só por si um exemplo. Porém, a maneira desconexa como expunha as suas ideias, o seu olhar vazio no espaço, a sua incoerência, não eram truques para enganar. Eram já sinais de um homem destruído, à responsabilidade de Pretória, preparado, todavia, para destruir bens do Povo e assassinar civis indefesos.

Mas como referia uma fonte militar, **todo o Povo se está a preparar para cumprimentar o bandido armado, onde quer que ele esteja, com uma bala ou qualquer outro instrumento que lhe dê a lição merecida.**